

*Sobre gangues e criminologia cultural: imagem e representação dos agrupamentos juvenis na cidade de Porto Alegre.*

*Fernando Piccoli Tuduri<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este trabalho propõe um encontro, entre três pontos de vista distintos. Em um primeiro lugar, as leituras teóricas feitas a respeito do tema da criminologia cultural nos agrupamentos juvenis na contemporaneidade – especificamente as manifestação culturais, sejam violentas ou não dos bondes, gangues, tribos, galeras – nas quais se inserem estudos sobre individualismo, neotribalismo, conflitualidade, desvio, demais teorias sociológicas, antropológicas e criminológicas. Em segundo lugar, as representações sociais acerca do tema: como o senso comum, a consciência coletiva, as agências de controle e os veículos de imprensa veem este fenômeno. Por último, a partir de uma perspectiva etnográfica, se pretende apresentar a imagem que os próprios jovens participantes desses grupos fazem de si mesmos.

## **Introdução**

Sabe-se da falência de uma proposta de Criminologia como ciência que estuda as causas do delito ou da criminalidade, e por isso é preciso ir além. É necessário buscar as mais diversas formas de compreender o fenômeno da violência urbana. Por exemplo: no caso do enfrentamento entre grupos de jovens, aparentemente pertencentes a uma mesma classe social, uma leitura econômica para explicar a violência não se aplica. Longe de buscar qualquer explicação correta, a pretensão do trabalho é pesquisar múltiplas visões acerca do tema.

Qualquer pretensão de lançar mão de medidas político-criminais como forma de solução de conflitos não pode abster-se dessas premissas multifocais de análise dos problemas sociais. A pesquisa pretende, por conseguinte, verificar as especificidades dos agrupamentos juvenis no que tange aos seus (possíveis) comportamentos desviantes e as manifestações da sua cultura do estar-junto, suas relações de convivência, regras, práticas e simbologias. Diante dessas especificidades talvez seja possível uma análise crítica de políticas sociais e criminais que veem sendo colocadas em prática para “coibir a violência dos bondes juvenis”, normalmente associadas às políticas de combate às drogas. Antes de quaisquer medidas que procurem solucionar conflitos sociais é preciso saber o que realmente se entende pelo conflito em questão, a partir de um estudo aprofundado. Ao longo do trabalho, além do problema de pesquisa, objetiva-se solucionar diversas dúvidas, rompendo com a visão simplificada acerca do tema: quem

---

<sup>1</sup> Advogado. Especialista em Ciências Penais (PUCRS). Bolsista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais (PUCRS)

são os jovens que se reúnem em grupos denominados de “bondes” e “gangues”? Como se organizam? Como se dão o seu convívio com os demais grupos semelhantes? A que fim eles se reúnem e quais atividades que praticam? Existe mesmo violência nas suas práticas? Que limites são ultrapassados pelas suas manifestações culturais? É possível falar em desvio nesses grupos, e com relação a que se daria esse desvio?

### ***Das leituras teóricas acerca do fenômeno das gangues, bondes e agrupamentos juvenis***

A presente pesquisa propõe-se a ser um diálogo entre o fenômeno dos agrupamentos de jovens – como as denominadas “gangues” (também conhecidas na cidade de Porto Alegre por “bondes juvenis”) – e as temáticas da violência<sup>2</sup> urbana, sociologia do desvio<sup>3</sup> e controle social. Pretende ser, desde já, uma forma de buscar os significados presentes nas subjetividades, rompendo com a violência da Totalidade, uma vez que “o objetivar, o cristalizar, é sempre totalizar, é sempre violência”<sup>4</sup>.

Toma-se como fundamento básico para nortear a presente pesquisa o conceito de *relativização*. A relativização aqui serve como fuga da construção de essencialismos como o do “homem criminoso”, já denunciados pela teoria do etiquetamento. Relativizar serve como mudança de paradigma, é um caminho essencial para entender como o outro vê o mundo. Serve para reduzir preconceitos, aceitando a existência de uma sociedade multicultural – composta de diversos e complexos papéis sociais que

---

<sup>2</sup> Seguindo a definição de Ricardo Timm de Souza: “Tudo aquilo que entendemos por violência, em todos os níveis, do mais brutal e explícito à violência coercitiva e socialmente sancionada do direito positivo, e, inclusive, a violência auto-infligida, repousa no fato exercido de negação de uma alteridade. [...] A violência, no sentido aqui proposto, se constitui na medida em que se exerce, desde um polo de decisão individual ou social, de forma consciente ou em contextos que sugerem inconsciência, atos que negam a condição de “outro” do outro, ou seja, daquele que não pertence ao polo de decisão. A isso chamamos “negação de uma alteridade”: a tentativa de neutralizá-la enquanto tal, aniquilá-la ou reduzi-la ao campo próprio de decisão do “mesmo”, da Totalidade autorreferente que tem a posse do discurso e a força para exercer o seu poder.” SOUZA, Ricardo Timm de. Três teses sobre a violência: violência e alteridade no contexto contemporâneo - algumas considerações filosóficas. *Civitas* – Revista de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PUCRS, Porto Alegre, v. 01, n. 02, dez. 2001, p. 8.

<sup>3</sup> Nesta pesquisa usa-se a palavra *desvio* de acordo com o conceito trazido por Howard Becker no livro *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Conforme o autor explica esse conceito: [...] *grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio*, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio *não* é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um “infrator”. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. [grifos do autor] BECKER, 2008, p. 21 e 22.

<sup>4</sup> PANDOLFO, Alexandre Costi. A Retomada da Temporalidade na Leitura Criminológica: aproximando Literatura e Criminologia. In: SÖHNGEN, Clarice Beatriz da Costa; PANDOLFO, Alexandre Costi (orgs.). *Encontros entre Direito e Literatura II: ética, estética e política*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 172.

variam de grupo para grupo<sup>5</sup>. Nosso olhar “educado” e preconceituoso precisa ser substituído por um olhar aberto e receptivo. Do contrário, estaremos produzindo cada vez mais exclusão e violência.

O objetivo principal deste trabalho é analisar como se cria e desenvolvem conflitos e desvios em grupos de jovens na cidade de Porto Alegre, confrontando a autoimagem desses grupos com as principais interpretações feitas sobre eles: a representação social, principalmente nos veículos de imprensa e das agências de controle; e as leituras teóricas acadêmicas, desde as diversas teorias sobre as redes de sociabilidade contemporâneas, perpassando por conceitos como o individualismo e o neotribalismo<sup>6</sup>, até os estudos sobre violência urbana e “violência horizontal”.

A multiplicidade de realidades, visões, teorizações acerca do tema das conflitualidades, principalmente a violência urbana é um dos desafios deste trabalho. A proposta é ir além de qualquer discurso que se proponha único, ou se suponha como suficiente sobre o assunto. Enfim, o objetivo é aprender a lidar com a complexidade das manifestações urbanas e dos conflitos gerados nas cidades. A prática de violência é dotada de uma faceta muito peculiar, que, para Glória Diógenes, é o seu “caráter difuso, imprevisível, ‘sem lugar’ definido no corpo social:

A violência é uma prática que foge do curso presumivelmente disciplinado e estável da ordem social. Ela emerge como aquilo que não deveria ocorrer, ela parece resvalar em outra ordem. A violência urbana assume uma característica mais difusa ainda que outras práticas de violência, isso porque qualquer território, qualquer acontecimento, no cenário ampliado da cidade, pode ser potencialmente violento.<sup>7</sup>

A violência nas grandes cidades é instável, é marcada por características das mais diversas e que variam muito em função dos agentes, do lugar, do tempo. As

---

<sup>5</sup> DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 57. Nas palavras de Eduardo P. Guimarães Rocha (1994, p. 20): “Mas, existem ideias que se contrapõem ao etnocentrismo. Uma das mais importantes é a da relativização. Quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição: estamos relativizando. Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta mas no contexto em que acontece: estamos relativizando. Quando compreendemos o ‘outro’ nos seus próprios valores e não nos nossos: estamos relativizando. Enfim, relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença.”

<sup>6</sup> MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Traduzido por Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

<sup>7</sup> DIÓGENES, Glória. *Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008, p. 55.

gangues podem ser classificadas (se é que possível essa classificação – o que se pretende comprovar ao longo da pesquisa) como uma espécie de violência urbana horizontal, ou seja, que não está em uma lógica de disputa entre o mais forte e mais fraco, entre opressor e oprimido, rico e pobre.

Uma forma de lidar com o fenômeno seria “analisar cada caso no seu contexto, cada contexto nos seus múltiplos aspectos”<sup>8</sup>, segundo a autora:

Sem cair nas armadilhas do relativismo, praticando, porém a relativização, é preciso analisar as consequências dos atos violentos para a pessoa ou grupo que as pratica, assim como os efeitos de seus atos sobre terceiros, meros passantes, espectadores, vítimas inocentes da luta pela sobrevivência traduzida na disputa por territórios urbanos, das rivalidades em torno das quais se movem homens orgulhosos em busca de poder e prestígio.<sup>9</sup>

Desde o surgimento, a criminologia “tem sido pautada pela necessidade da explicação”, tendência verificável inclusive nos discursos críticos, que, ao abordar as relações sociais e econômicas “*desejam* saber o porquê da criminalização ou dos criminosos”.<sup>10</sup> Giovani Agostini Saavedra define isto como o “ranço positivista que paira sobre a criminologia”<sup>11</sup>. É preciso, portanto, buscar o que talvez arriscaria chamar de uma “criminologia de olhares”, onde cada leitura e visão sobre o fenômeno do desvio e da violência se una a todas às demais. Por esta razão, valendo das supracitadas lições de Alba Zaluar, é cada vez mais necessário um diálogo entre os diversos estudos acerca do tema da violência juvenil, nas perspectivas criminológicas, sociológicas e antropológicas. É preciso construir, mais que uma solução para os problemas, antes uma análise dos sintomas de violência que fazem parte da sociedade.

Tem-se, portanto, como tentativa essencial do trabalho no que se refere à parte

---

<sup>8</sup> ZALUAR, 2004, p. 195.

<sup>9</sup> ZALUAR, 2004, p. 195.

<sup>10</sup> PANDOLFO, 2010, p. 168.

<sup>11</sup> SAAVEDRA, Giovani Agostini. Criminologia do Reconhecimento: linhas fundamentais de um novo paradigma criminológico. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (org.). *Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos II*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 93. Nas palavras de Alan F. Chalmers (*O que é ciência afinal?* Traduzido por Raul Filker. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 20): “O positivismo lógico foi uma forma extrema de empirismo, segundo o qual as teorias não apenas devem ser justificadas, na medida em que podem ser verificadas mediante um apelo aos fatos adquiridos através da observação, mas também são consideradas como tendo significado apenas até onde elas possam ser assim derivadas.” Para Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo (Muito além do bem e do mal – a produção do desvio e da reação social como artefatos culturais. In: SÖHNGEN; PANDOLFO, 2010, p. 144), as teorias etiológicas do delito “comungam com as representações fundamentais do pensamento positivista: a aceitação da ordem social existente como um dado; a crença de que o crime é algo intrinsecamente mau e de que o criminoso é necessariamente diferente do cidadão normal; o postulado de que o crime é sempre a resultante de fatores que não deixam outra alternativa de comportamento. O crime é visto como resultado das condições ambientais, da inserção em determinadas subculturas, do pertencimento a uma dada classe econômico-social com o seu quadro próprio de oportunidades.”

teórico-criminológica a busca por um afastamento definitivo das raízes positivistas que insistem em perdurar nos estudos criminológicos. Não se pode mais tentar estabelecer relações causal-explicativas para o fenômeno crimológico, senão manter aberta a lente que procura as mais diversas possibilidades de entendimento de todo e qualquer sintoma social. A criminologia pós-moderna segue a tendência de inserir na sua investigação a formação da linguagem da criminalização e do controle, porque seu foco central não é mais nos tradicionais objetos de análise - crime, criminoso, reação social, instituições de controle, poder político e econômico.<sup>12</sup>

Por isso, seguir as balizas da Criminologia Cultural, proposta por Jeff Ferrel, Keith Hayward e Jock Young<sup>13</sup>, talvez seja a melhor opção diante de fenômeno “impreciso, de caráter difuso, imprevisível, sem ‘lugar’ definido no corpo social”, como são as práticas de violência:

A violência é uma prática que foge do curso presumivelmente disciplinado e estável da ordem social. Ela emerge como aquilo que não deveria ocorrer, ela parece resvalar de uma outra ordem. A violência urbana assume uma característica mais difusa ainda que outras práticas de violência, isso porque qualquer território, qualquer acontecimento, no cenário ampliado da cidade, pode ser potencialmente violento.<sup>14</sup>

Seguindo a linha do *labeling approach*, a Criminologia Cultural “abdica da questão causal e da percepção do crime como qualidade intrínseca do autor da conduta.”<sup>15</sup> Por este aspecto, é muito importante ter como base do trabalho a teoria interacionista de Howard Becker, pois, nas palavras de Marcelo Mayora Alves, esta teoria

[...]é um dos caminhos para tornar ao estudo cultural do desvio, de modo que seja possível retomar a compreensão do crime e do controle social como construções culturais, e a partir daí observar atentamente a complexa produção de sentidos que resulta dos mutantes significados atribuídos às regras e à transgressão.<sup>16</sup>

Para David Brotherton, autor do livro “Gangues e sociedade”, onde estuda as gangues *Almighty Kings e Queens* em Nova Iorque, “no que diz respeito às culturas

---

<sup>12</sup> CARVALHO, 2009, p. 312.

<sup>13</sup> FERREL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. *Cultural Criminology: An Invitation*. London: SAGE, 2008. Nas palavras de Salo de Carvalho, dentre outras características, “a criminologia cultural configura-se como criminologia estética e de análise de ícones e símbolos culturais mercantilizados pelos meios formais e informais de comunicação.” (2009, p. 326).

<sup>14</sup> DIÓGENES, 2008, p. 55.

<sup>15</sup> CARVALHO, 2009, p. 327.

<sup>16</sup> ALVES, Marcelo Mayora. *Entre a Cultura do Controle e o Controle Cultural: Um Estudo sobre Práticas Tóxicas na Cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010, p. 38.

jovens, gangues e globalização, a criminologia cultural está interessada no que acontece quando se junta exclusão com controle e resistência”.<sup>17</sup>

Ao estudar as gangues, galeras e o movimento Hip Hop específicos da periferia de Fortaleza, Glória Diógenes conclui que os grupos de jovens são, fundamentalmente, os ‘novos’ protagonistas da violência urbana na contemporaneidade.<sup>18</sup> Para a autora,

[...] uma análise mais detalhada do imaginário na violência e rebeldia juvenil talvez possa apontar novos caminhos para se desvendar os sinais que a experiência das gangues e galeras nos remete na compreensão de novos códigos de sociabilidade.<sup>19</sup>

Esses novos códigos de sociabilidade são o ponto de partida das leituras teóricas que pretendem ser estudadas ao longo do trabalho. Parece haver um campo de pesquisa considerável que une as sociabilidades contemporâneas e a violência. Isso porque tais agrupamentos de jovens, nas palavras de Ruth Gauer, servem como uma “tentativa, talvez, de resgate das sociabilidades perdidas”<sup>20</sup>. E tal tentativa não se reflete só em gangues e bondes, mas em todas as tribos contemporâneas. “O que importa é que existe sim uma teorização embutida em cada um desses grupos.”<sup>21</sup> E é essa teorização, exclusiva e inerente a cada grupo, que interessa à pesquisa.

Michel Maffesoli, teórico do neotribalismo, afirma que a pós-modernidade está “marcada pelo retorno exacerbado do arcaísmo”. E as tribos contemporâneas não parecem ter a esperar “um fim, um projeto econômico, político, social, a realizar”: preferem “‘entrar dentro’ do prazer de estar juntos, ‘entrar dentro’ da intensidade do momento, ‘entrar dentro’ da fruição deste mundo tal como ele é”.<sup>22</sup> Segundo o autor, é justamente nas sociedades exageradamente assépticas, preocupadas em banir o risco, qualquer que seja ele, que “o bárbaro retorna”. São nessas sociedades em que aparecem as “bocas brabas”, os “recantos selvagens”, que “fazem recordar, de forma pertinente, que um lugar onde o não morrer de fome não conseguiu salvar-nos do fato de morrer de tédio não merece o nome de ‘cidade’”.

---

<sup>17</sup> GANGUES: da pré-história ao futuro. *Comunidade Segura*, 15 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.comunidadessegura.org/fr/node/38197>> Acesso em: 10 out. 2010.

<sup>18</sup> DIÓGENES, 2008, p. 56.

<sup>19</sup> DIÓGENES, 2008, p. 70.

<sup>20</sup> GAUER, Ruth Maria Chittó. *A fundação da norma: para além da racionalidade histórica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 158. Para a autora, “a sociedade deixou de ser uma totalidade unificada e integrada a uma transcendência para tornar-se aberta. Por outro lado, a abertura planetária não eliminou a tendências de certas especificidades.”

<sup>21</sup> LINCK, 2010, p. 259.

<sup>22</sup> MAFFESOLI, Michel. *Tribalismo Pós-Moderno: Da Identidade às Identificações*. Traduzido por José Ivo Follmann. *Revista Ciências Sociais - Unisinos*, São Leopoldo, vol. 43, n. 001, jan./abr. 2007, p. 98.

É, portanto, diante desta “anemia social”, reflexo de uma sociedade racionalizada, que as tribos urbanas “acentuam a urgência de uma socialidade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos”.<sup>23</sup> Para José Antônio Linck, existe uma diferença entre as tribos contemporâneas e as comunidades tradicionais, que seria o laço pelo qual elas se fundam, pois, enquanto estas estão ligadas por um vínculo de filiação, aquelas se organizam em torno de “critérios transversais relativamente ao corpo social”, ligadas por “práticas, sentimentos ou valores que lhe são comuns num tempo ou espaço dado.”<sup>24</sup>

É inegável que os jovens de hoje em dia, e conseqüentemente os grupos aos quais estes jovens pertencem, vivem em uma fase de consolidação e afirmação de uma transição que se iniciou com essa mudança de um modelo de consumo fordista para um modelo pós-fordista, por volta do final do século XX. Após a decadência de um consumo em massa característico do fordismo, a sociedade passa a exigir bens exclusivos (o que se une a ideia de exclusão e individualismo): antes o consumo estava relacionado às necessidades (“consumo de massa programado”); hoje o que se vê é um consumismo desenfreado trazido também pela necessidade – mas de diferenciação. O homem individualista procura se diferenciar do resto da sociedade, procura determinar seu próprio *estilo de vida*.<sup>25</sup>

Criou-se um modelo de “consumo pra ser *cool*”, um “consumo para se destacar”, “consumo por prazer” – “remédio para a depressão”. E a regra é “comprar antes que os outros comprem também”, são as tendências, modas. O novo modelo de consumo é formado ainda por uma transitoriedade e imediatismo: antes os produtos duravam mais, eram utilizados por bastante tempo. Hoje, novos modelos de tecnologia surgem com um piscar de olhos, e com eles a necessidade de possuir, ou então “ficar de fora”.

São características da nova sociedade de consumo: escolhas pluralistas, busca por auto realização, hedonismo, imediatismo e voluntarismo.<sup>26</sup> Como afirma Jock Young: “essa demanda de expressão aumenta a demanda instrumental de sucesso monetário e *status*, que são o prato principal do período moderno”.<sup>27</sup> O autor, a partir dessas colocações, chega a sugerir uma ligação entre o novo modelo de mercado – pós-fordista – e o surgimento de gangues violentas na modernidade recente: as gangues são

---

<sup>23</sup> MAFFESOLI, 2007, p. 100.

<sup>24</sup> LINCK, 2010, p. 216.

<sup>25</sup> YOUNG, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: REVAN, 2002, p. 28.

<sup>26</sup> YOUNG, Jock, 2002, p. 29.

<sup>27</sup> Para um aprofundamento nessas características ver YOUNG, Jock, 2002, p. 29.

reflexo de um “mercado que exclui a participação como trabalhador mas estimula a voracidade como consumidor.”<sup>28</sup>

O que Jock Young traça como uma hipótese explicativa para os sintomas contemporâneos de exclusão está diretamente ligada à ideia de Robert K. Merton, quando este associa os desvios da norma e a delinquência “a falência dos marcos institucionais e normativos da sociedade moderna”, o que passa a acontecer no momento em que a “estrutura social prescreve metas que determinados grupos não podem atingir por meios socialmente sancionados ou legítimos.”<sup>29</sup>

É possível ver uma ligação entre os fenômenos da violência juvenil, da violência urbana, das gangues, bondes e demais agrupamentos e o “mal-estar na civilização”, uma vez que estes “acontecimentos” podem ter surgimento com esta nova sociedade de consumo, com os novos desejos impostos, com uma nova trama de sociabilidades na busca por autoafirmação dos jovens, ou melhor dizendo, uma tendência dos agrupamentos juvenis ao protagonismo na contemporaneidade, buscando sua identidade e tentando fugir do ocaso provocado pela massificação gerada na sociedade fordista. Essas teorias parecem fazer sentido, por exemplo, a partir do relato do livro “*Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília*”, de Miriam Abramovay, Julio Jacobo Waiselfisz, Carla Coelho de Andrade e Maria das Graças Rua, resultado da pesquisa com jovens da periferia de Brasília, no Distrito Federal, sobre a formação e organização das gangues naquele contexto:

Usualmente, as gangues/galeras surgem de maneira não deliberada, são formadas por grupos de amigos nas quadras: “Junta um grupo de galera tipo assim da mesma área, da mesma rua. Tu fala que tá a fim de formar uma galera, já inventa uma sigla, neguinho já se interessa.” Também nas escolas os que se consideram mais espertos, mais malandros, mais “ratos”, aproximam-se. Existe, na verdade, um certo acaso na formação desses grupos. Alguns jovens se juntam para defender um amigo ameaçado ou agredido. Este, por sua vez, reúne outros amigos para se vingar, e momentaneamente todos desenvolvem o mesmo sentimento e compartilham o objetivo. Porém, nesse jogo, a cumplicidade e os laços de amizade vão se tornando mais sólidos, originando uma relação quase fraterna, e o grupo termina por se consolidar, assumindo alguns aspectos de organização.  
[...]

---

<sup>28</sup> YOUNG, Jock, 2002, p. 26. Nas palavras do autor (2002, p. 31): “São impedidos de entrar na pista de corridas da sociedade meritocrática, ainda que permaneçam colados a aparelhos de televisão e outras mídias que exibem tentadoramente os prêmios e recompensas da sociedade abastada.”

<sup>29</sup> Cf. ABRAMOVAY; Miriam, ANDRADE, Carla Coelho de; RUA, Maria das Graças; WASELFSZ, Julio Jacobo. *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 14.

Dessa forma, as gangues atraem adeptos na medida em que constituem laços de solidariedade e são caracterizadas por códigos de valores compartilhados, a partir dos quais os sujeitos individuais constroem identidades coletivas mediante a negação/rejeição das desigualdades do contexto social mais amplo no qual estão inseridos.<sup>30</sup>

Dentre as mais diversas leituras teóricas que emergem na “pós-modernidade”, ou contemporaneidade, acerca de infinitos fenômenos sociais, pode-se citar algumas como o hiperindividualismo, hiperconsumismo, niilismo, hedonismo, buscar por poder e reconhecimento, neotribalismo.

Algumas teorias tentam resumir como toda sociedade se organiza nos tempos atuais, e ao tratar do tema da violência, essas teorias pecam pelo exagero quase que determinista. Não é diferente quando se trata de violência juvenil. Certa de que as teorias sociológicas podem sim fazer parte da explicação acerca das práticas de desvio e violência, mas que nenhuma delas é capaz de resumir o todo, a pesquisa analisará os principais estudos da sociedade contemporânea, pois,

a complexidade é justamente a autorização para que se afirmem alguns modelos dicotômicos de leituras que devem ser investigados sem uma leitura do presente na forma de uma meta-narrativa.<sup>31</sup>

Outras teorias parecem mais céticas quanto às sociabilidades contemporâneas, tratando-as mais como grupos efêmeros do que uma forma de relacionamento persistente e duradoura. Gilles Lipovetsky vê um grande vazio de sentido na atualidade, que seria buscado (ou compensado) no culto exacerbado ao corpo, nas falsas promessas de juventude eterna, nas drogas, entre outras formas de superação da apatia e do vazio intelectual.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> ABRAMOVAY; ANDRADE; RUA; WAISELFISZ, 2004, p. 108-9. Complementando, a opinião de Marcos Rolim sobre os jovens e a transgressão: “Sabe-se que a prática de atos sabidamente ilegais pelos jovens possui os mais variados motivos, desde a necessidade de sobrevivência, até o desejo de reconhecimento a aceitação por seus pares. A necessidade de afirmação pessoal envolve a capacidade de demonstrar ‘maturidade’ e ‘independência’. Mesmo hábitos como fumar, beber, usar drogas ou ficar na sua até tarde (e, possivelmente, também a iniciação sexual) estão vinculados à necessidade subjetiva de ‘agir como adulto’ e de ser reconhecido não mais como ‘menino’ ou ‘menina’. Mas quando jovens passam a ser, de fato, independentes, seus motivos anteriores deixam de existir e a maioria deles desiste de praticar atos que os colocam em confronto com a lei. Atos ilegais praticados por adolescentes podem diminuir ou cessar na exata medida em que estes encontrem outras maneiras de demonstrar que devem ser tratados com respeito. Por certo, a prática de atos ilegais apresenta – pelos riscos pressupostos – oportunidades singulares para que um jovem em busca do reconhecimento de seu grupo possa mostrar seu destemor, audácia e habilidades. Não por outro motivo, em várias subculturas juvenis o fato de alguém do grupo ter apanhado da polícia ou ter sido condenado judicialmente é fator que agrega prestígio.” ROLIM, Marcos. *A síndrome da Rainha Vermelha: policiamento e segurança pública no Século XXI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Oxford, Inglaterra: University of Oxford, Centre of Brazilian Studies, 2006, p. 168.

<sup>31</sup> LINCK, 2010, p. 262.

<sup>32</sup> Cf. LINCK, 2010, p. 174.

Resta saber até que ponto o neotribalismo e o individualismo são ideias antagônicas ou andam juntos na sociedade contemporânea, e de que forma essas teorias podem servir de base para a compreensão da violência e desvio entre grupos juvenis. Além destas teorias, a pesquisa propõe uma imersão nas construções teórico-sociais sobre a contemporaneidade, a fim de buscar significados para o fenômeno das gangues, para além das leituras teóricas acerca da pós-modernidade citadas nesta pesquisa prévia.

### ***Da autoimagem dos grupos***

Este trabalho também objetiva apresentar da *autoimagem* dos agrupamentos juvenis. Como afirma David Brotherton: “é preciso envolver-se com esses grupos, enxergá-los por diferentes ângulos, colocá-los em um contexto histórico, olhar para sua evolução no tempo e avaliar como mudam ou se não mudam.”<sup>33</sup> Não há melhor forma para isto que a de inserção no ambiente e no convívio com os grupos a serem pesquisados. A importância da etnografia em criminologia, principalmente pós-crítica, é resumida por Jeff Ferrell da seguinte forma:

Por definição, tais estudos [etnografias] incorporam o significado cultural das pessoas estudadas, e assim afirmam a sua complexa humanidade que, de outra forma, são reduzidas a resíduos estatísticos e às perigosas ambiguidades do crime e do controle social que desaparecem com a pseudocerteza da ‘ciência social’.<sup>34</sup>

Diante da complexidade do tema, o planejado é que a pesquisa seja fundamentalmente etnográfica, e, sobretudo, aberta. Parte-se da premissa de que, nas palavras de Marcelo Mayora Alves, “a construção das noções de desvio e controle social dá-se nas teias de significado que o próprio homem teceu e é nesse contexto que tais construções sociais podem ser descritas com densidade”.<sup>35</sup> A Criminologia Cultural prevê uma ligação mais estreita entre Criminologia e Antropologia Cultural, ao observar e descrever ações sociais no contexto cultural, na busca por significados, que podem ser

---

<sup>33</sup> GANGUES: da pré-história ao futuro. *Comunidade Segura*, 15 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.comunidadessegura.org/fr/node/38197>> Acesso em: 10 out. 2010.

<sup>34</sup> FERREL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. Traduzido por Salo de Carvalho. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, n. 82, jan./fev. 2010, p. 354. Trata-se, segundo Marcelo Mayora Alves, de “observar os desvios e o controle social no âmbito da cultura em que são construídos. E observá-los não apenas pelo viés deturpado da informação já processada pela reação formal, mas de maneira frontal, ou seja, encará-los diretamente.” (2010, p. 52).

<sup>35</sup> ALVES, 2010, p. 46.

encontrados “em todas as manifestações de estilo que simbolizem algo”<sup>36</sup>. Daí decorre toda a necessidade de abertura transdisciplinar dos estudos criminológicos, por meio de uma “retomada da narratividade, em contraposição ao pensamento objetivista, calculador e técnico da *Scuola Positiva* e da Criminologia etiológica em geral”, “como uma das múltiplas alternativas para tentar *compreender* (no sentido hermenêutico) o Outro na sua *fala*, ainda que essa fala se expresse por meio da violência.”<sup>37</sup> A proposta dos autores Alexandre Costi Pandolfo e Moisés Pinto Neto (à qual esta pesquisa adere) instiga a

[...] transformar a segura posição do criminólogo tradicional, que emite um discurso representacional baseado em causas para o agir do Outro, em um local de escuta, na qual ele é obrigado a tratar o Outro como sujeito, ouvir seu ato, ainda que ilegítimo do ponto de vista da legitimidade jurídico-política (cabe ao Direito Penal e à Política Criminal, e não à Criminologia, ponderar e julgar desse ângulo).

E é justamente seguindo essa mesma linha que Hélio R. S. Silva introduz sua etnografia sobre Travestis:

A intenção aqui não foi a de tentar o panorama, para extrair regularidades a partir da comparação. O panorama perde o contexto, o detalhe e a circunstância. E são exatamente a circunstância miúda, o pequeno detalhe e o contexto as instâncias humanizadoras por excelência contra todas as predisposições preconceituosas e etnocêntricas, sempre generalizantes, generalizadoras e generalistas. É, portanto, a imersão no detalhe que permite o conhecimento do outro.<sup>38</sup>

Como a etnografia conduz ao que pode se chamar de cerne da pesquisa, ou seja, é o principal meio, ou método, utilizado para a solução do problema inicialmente proposto. Dessa forma, é importante traçar linhas gerais sobre o que se constitui o método etnográfico, que é considerado a base para o trabalho antropológico, e se mostra essencial para o que tem buscado a criminologia contemporânea, especificamente a Criminologia Cultural. Nas palavras das antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert:

A pesquisa etnográfica, constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir), impõe ao pesquisador ou à pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado, através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade

---

<sup>36</sup> ALVES, 2010, p. 47.

<sup>37</sup> PANDOLFO; PINTO NETO, 2009, p. 110.

<sup>38</sup> SILVA, Hélio R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007, p. 30.

por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta.<sup>39</sup>

O trabalho de ir a campo, a descrição precisa da realidade e da cultura sobre a qual a pesquisa quer se debruçar constitui elemento essencial do ato, do qual não se pode abrir mão, sob pena de ficar preso a uma narrativa terceirizada e apenas dialogar entre as visões já pré-concebidas. A pesquisa não tem a pretensão de traçar novas teorias sociais, quanto menos de apegar-se a hipóteses e conceitos pré-concebidos<sup>40</sup>, mas expandir horizontes para além do que os livros mostram e trazer essa abertura para o papel, na forma de relato. E então, a partir das experiências vivenciadas em primeira pessoa, dialogar com o que já foi feito antes sobre o tema.

E, não menos importante, se faz necessário um breve esclarecimento do que quer dizer a palavra *cultura*. Salientando que a conceituação do termo é um desafio interminável entre os antropólogos.<sup>41</sup> O que buscaremos, portanto, é uma aproximação, uma visão sobre cultura dentro do contexto da presente pesquisa.

Conforme Roberto DaMatta o sentido da palavra *cultura* dado pela antropologia, e se refere à “maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa”. É “um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas”. E os grupos são classificados por compartilharem parcelas importantes desse “código”, pois essas regras é que permitem que se relacionem entre si, e que esses grupos se relacionem com o ambiente em que vivem.<sup>42</sup>

---

<sup>39</sup> ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO; Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar A. Barros. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 9. Segundo as autoras (2008, p. 9), a etnografia é composta, basicamente, da “inter-relação entre o (a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto, recorrendo primordialmente às técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, às entrevistas não-diretivas, etc”. Ainda, “se constitui como forma do(a) antropólogo(a) pesquisar, na vida social, os valores éticos e morais, os códigos de emoções, as intenções e as motivações que orientam a conformação de uma determinada sociedade.” (2008, p. 10). Nas palavras de Alba Zaluar: “O trabalho de campo etnográfico, baseado na observação participante segundo esta abordagem, é o modo de conhecer a “sociedade” ou a “cultura” estudada que culmina na sua reconstituição desde o ponto de vista do nativo.” (ZALUAR, Alba. Pesquisando no Perigo: Etnografias voluntárias e não acidentais. *Revista Mana*: Rio de Janeiro - UFRJ, n. 15, 2009, p. 563).

<sup>40</sup> Seguem os ensinamentos do precursor do trabalho etnográfico na Antropologia, Bronislaw Malinowski: “Se um homem parte numa expedição decidido a provar certas hipóteses e é incapaz de mudar seus pontos de vista constantemente, abandonando-os sem hesitar ante a pressão da evidência, sem dúvida seu trabalho será inútil. Mas, quanto maior for o número de problemas que leve consigo para o trabalho de campo, quanto mais esteja habituado a moldar suas teorias aos fatos e a decidir quão relevantes eles são às suas teorias, tanto mais estará bem equipado para o seu trabalho de pesquisa.” MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 22.

<sup>41</sup> LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 63.

<sup>42</sup> DAMATTA, Roberto. *Você tem cultura?* *Jornal da Embratel*, 1981. Disponível em: <<http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/14467/material/voce%20tem%20cultura.pdf>

Ainda segundo o autor, todas as formas culturais são equivalentes entre si, ou seja, não existe diferença hierárquica entre “culturas” e “subculturas”. A classificação hierárquica de formas e pensamentos diferentes é uma tendência do ser humano, mas que serve, no fundo, para excluir determinada cultura. Como exemplo disto, o autor cita o carnaval, visto como um *desvio* em relação a festas religiosas. Porém, não existe superioridade e inferioridade entre as duas festas: “tanto há cultura no carnaval quanto na procissão e nas festas cívicas, pois que cada uma delas é um código capaz de permitir um julgamento e uma atuação sobre o mundo social no Brasil.”<sup>43</sup>

A cultura é, portanto, vista como “um conjunto que regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado”, e, embora essas regras sejam necessariamente limitadas, “suas possibilidades de atualização, expressão e reação em situações concretas, são infinitas.” Dessa forma, a cultura serve como “instrumento para compreender as diferenças entre os homens e as sociedades.”<sup>44</sup>

As diferenças estão nas “configurações ou relações que cada sociedade estabelece no decorrer da sua história”, e a base destas configurações é sempre um “conjunto de potencialidades”. Algumas sociedades desenvolvem mais e melhor essas potencialidades com relação às demais, e é justamente isso que as diferencia, não o que as hierarquiza, colocando uma como superior e outra como inferior.<sup>45</sup>

Mesmo que determinada cultura pareça irracional, cruel ou pervertida, como o exemplo do “crime” trazido por DaMatta, existe sempre o homem a ser visto e entendido por detrás dela. Assim, “a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos.”<sup>46</sup>

### ***Da representação social dos grupos***

No que tange a *representação social* dos agrupamentos juvenis, gangues e bondes, – objeto também da pesquisa – entende-se importante uma análise detalhada do olhar das agências de controle social e da mídia<sup>47</sup>. Para Luis Barrios, sociólogo e

---

>. Acesso em: 2 set. 2010.

<sup>43</sup> DAMATTA, 1981.

<sup>44</sup> DAMATTA, 1981.

<sup>45</sup> DAMATTA, 1981.

<sup>46</sup> DAMATTA, 1981.

<sup>47</sup> Como afirma Salo de Carvalho (2009, p. 325), “a análise sobre proliferação das imagens da violência e a exposição das pessoas à cultura do crime na sociedade contemporânea tornam-se objeto de exploração

coautor do livro "Gangues e sociedade", há uma desproporcionalidade entre os crimes cometidos por gangues (nos Estados Unidos) e a exposição destes pela mídia:

Este tipo de crime ganha espaço na mídia mas não é nada comparado, por exemplo, à violência doméstica em termos de estatísticas. O que vemos é um tipo de organização social sendo visivelmente criminalizada.<sup>48</sup>

Além disto, o autor refere que “a violência das gangues é responsável por menos de 1% dos crimes e que a maior parte da violência na sociedade está escondida nas classes mais baixas”.<sup>49</sup>

Por esse aspecto, é possível relacionar as representações midiáticas e a criação e disseminação de pânico morais, uma vez que “os meios de comunicação de massa são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos”.<sup>50</sup>

Para os autores do livro “*Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília*”, a difusão das percepções relacionadas as gangues é em grande parte um papel feito pela mídia, “atribuindo à ação delas certos crimes – assaltos, roubos, brigas e agressões – envolvendo jovens, pouco importando que tenham sido ou não cometidos a título individual”<sup>51</sup>. Ainda que o estudo dos autores esteja limitado à periferia da cidade de Brasília, a análise da representação

---

que permite à criminologia romper com as barreiras entre o espaço real e o espaço virtual e ingressar nesta confusa realidade dotada de alto poder de produção de subjetividades. Ademais, a capturação do crime e do desvio pelo mercado e sua transformação em produto consumível geram fenômenos de estetização, estilização, glamorização e fetichização, potencializando as representações e densificando, na cultura, simbologias, normalmente moralizadoras, sobre a questão criminal.”

<sup>48</sup> CRIMINOLOGIA cultural repensa as gangues. *Comunidade Segura*, 12 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.comunidadesegura.org/pt-br/node/38122>> Acesso em: 10 out. 2010. No mesmo sentido, podemos citar a pesquisa de Álvaro Filipe Oxley da Rocha, que trata justamente da relação entre sistema penal e mídia: “A notícia produz a realidade social, enquanto a descreve, por dois mecanismos fundamentais: a seleção dos fatos que serão divulgados, e do enquadramento que será dado aos mesmos.” O autor refere haver um monopólio dos “agentes de controle social sobre as fontes de notícias, que tende a fornecer aos jornalistas um primeiro ponto de vista definidor, a respeito de como será o fato compreendido e divulgado, com todas as consequências morais e jurídicas daí decorrentes.” Ainda, segundo ele, “os jornalistas, ao produzirem notícias que reproduzem os discursos dos agentes de controle social, reproduzem a lógica dos agentes de controle social, com destaque para a violência urbana, reduzida a ações de indivíduos e grupos definidos, que definem, para o senso comum, toda a criminalidade, difundindo assim, o medo na sociedade”. (Cf. ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da. *Criminologia e Teoria Social: Sistema Penal e Mídia em luta por poder simbólico*. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (org.). *Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos II*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 52-4) Isso talvez possa explicar a relação que a mídia faz nas notícias a respeito dos bondes e agrupamentos juvenis e a reação social decorrente dessa forma de abordagem da situação-problema.

<sup>49</sup> CRIMINOLOGIA cultural repensa as gangues. *Comunidade Segura*, 12 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.comunidadesegura.org/pt-br/node/38122>> Acesso em: 10 out. 2010.

<sup>50</sup> FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Revista FAMECOS – PUCRS*, Porto Alegre, n. 28, dez. 2005, p. 24.

<sup>51</sup> Conforme ABRAMOVAY; ANDRADE; RUA; WAISELFISZ, 2004, p. 95.

feita por alguns veículos midiáticos também se aplica no contexto porto-alegrense. É por meio dessas representações que:

Uma turma de jovens reunidos se transforma em uma gangue; o jovem de boné e bermudas largas passa a ser membro de uma gangue; a troca de insultos entre adolescentes na porta da escola se transmuta em desafio entre gangues rivais.

E aqui vale referenciar o pensamento de Gilles Lipovetsky acerca das representações feitas pela mídia contemporaneamente:

A mídia caminha pelo charme discreto da objetividade documental e científica, mina as interpretações globais dos fenômenos em benefício do registro dos fatos e das sínteses de dominante “positivista”. Enquanto as grandes ideologias tendiam a libertar-se da realidade imediata supostamente enganadora e punham em ação ‘o poder irresistível da lógica’, os procedimentos implacáveis da dedução, as explicações definitivas decorrentes de premissas absolutas, a informação sacraliza a mudança, o empírico, o relativo, o “científico”. Menos glosas, mais imagens; menos sínteses especulativas, mais fatos; menos sentidos, mais tecnicidade.<sup>52</sup>

Em Porto Alegre, por volta de 2008, quando o fenômeno da violência das gangues recebeu destaque da imprensa local<sup>53</sup>, a exposição do tema “gangues” tem sido realizada pelos veículos de imprensa. O jornal Zero Hora destacou, em uma série de reportagens, a “ameaça das gangues na Capital”:

---

<sup>52</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. Traduzido por: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 264.

<sup>53</sup> Provavelmente a reportagem do dia 04 de setembro de 2008, publicada no jornal Zero Hora, seja a primeira a tratar do tema, fazendo ligação com a pichação: “O crescente número de rabiscos quase indecifráveis em muros e paredes de Porto Alegre são a confirmação da invasão dos bondes na Capital.” (POLÍCIA tenta deter a ação dos "bondes". *Zero Hora*. Porto Alegre, 4 set. 2008. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&section=Geral&newsID=a2159584.xml>> Acesso em: 12 set. 2010). No ano seguinte, no mesmo jornal, os bondes foram colocados como protagonistas da violência escolar: “Um quinto do magistério gaúcho vai celebrar o Dia do Professor, esta semana, sob efeito de tranquilizantes para combater as consequências de uma rotina perturbadora. Esse é o contingente de educadores alquebrados que necessita regularmente de ajuda química para suportar agruras diárias, conforme aponta uma pesquisa feita este ano. Outros, em número incerto, se veem forçados a abandonar a sala de aula a fim de manter a sanidade. O uso desenfreado de remédios como Rivotril e Fluoxetina procura mascarar um fenômeno detalhado na série de reportagens a ser publicada entre este domingo e quinta-feira: a violência escolar. [...] A violência é estimulada pelo tráfico e pelo consumo de drogas, muitas vezes associados à **ação de gangues juvenis inspiradas nas quadrilhas dos morros cariocas, os chamados bondes.**” [grifei] (ESCOLAS conflagradas. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 out. 2009.) Recentemente, o jornal Correio do Povo trouxe matéria a respeito do crescimento desses agrupamentos no Litoral Norte do Rio Grande do Sul: “Os "bondes", um fenômeno social que teve o seu auge em Porto Alegre no ano passado e início deste, quando ocorreu uma morte, ainda estão ativos no Litoral Norte. Moradores de Tramandaí entraram em contato com o Correio do Povo dizendo-se assustados com as três gangues que andam pela cidade. Outras praias também possuem "bondes", que, via de regra, não invadem o território de outra cidade.” (LITORAL norte atemorizado com a atuação dos “bondes”. *Correio do Povo*, 27 set. 2010. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=362&Caderno=0&Noticia=201606>> Acesso em: 05 nov. 2010.)

Os grupos de jovens associados a delitos como pichações, brigas e arrastões estão se organizando em facções mais numerosas, capazes de praticar ações mais ousadas, como entrar marchando em uma das principais áreas públicas da Capital e caçar desafetos à bala sob o olhar horrorizado de centenas de pessoas.

[...]

Quando os bondes surgiram na Capital, por volta de 2004, essas gangues juvenis agiam de forma isolada a fim de disputar território e notoriedade. Agora, outro fenômeno ganha força: as alianças que resultam na formação de “comandos”, “diretorias”, “firmas” ou “quadrilhas”, como se intitulam. No site de relacionamentos Orkut, já há pelo menos seis organizações desse tipo em Porto Alegre, além de inúmeros acordos estabelecidos de maneira direta e menos formal. Os nomes são omitidos, a pedido da polícia, porque a divulgação estimula a ação dos delinquentes.<sup>54</sup>

Em reportagem recente, o jornal *Correio do Povo* definiu os “bondes”, ou “gangues” como “reunião de pessoas, em sua maioria jovens de uma determinada comunidade, via de regra oriunda da periferia”<sup>55</sup>. Em outra reportagem, o mesmo jornal relacionou uma coletânea de “crimes” que os bondes tendem a praticar, a partir das denúncias feitas ao Disque Bonde – programa criado pela Brigada Militar para receber denúncias relacionadas aos referidos grupos:

Quanto às denúncias, as principais são a perturbação do sossego público, depredações, pichações, danos ao patrimônio público e privado, desordens e agressões com lesões corporais. Os crimes não ocorrem apenas entre integrantes de grupos rivais, mas também atingem pessoas que passam pelo local onde o bonde está reunido.<sup>56</sup>

[...]

Os integrantes dos "bondes" estão utilizando os dias de passe livre nos ônibus para se encontrarem nos parques e shoppings. Há também os "bondes" femininos, formados em algumas escolas da rede pública. Esses grupos se comportam de maneira a intimidar outras adolescentes por inveja, como, por exemplo, a aparência pessoal da vítima, ou por ela vestir boas roupas, ou por considerar uma ofensa a colega não responder a um cumprimento.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> POR QUE cresceu a ameaça das gangues na Capital. *Zero Hora*, Porto Alegre, 07 mar. 2010.

<sup>55</sup> LITORAL norte atemorizado com a atuação dos “bondes”. *Correio do Povo*, 27 set. 2010. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=362&Caderno=0&Noticia=201606>> Acesso em: 05 nov. 2010.

<sup>56</sup> DISQUE bonde ajuda a traçar perfil dos integrantes das gangues gaúchas. *Correio do Povo*, 21 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=114903>> Acesso em: 05 nov. 2010.

<sup>57</sup> PERTURBAÇÃO, depredações, pichações, desordens e agressões. *Correio do Povo*. 27 set. 2010. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=362&Caderno=0&Noticia=201602>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

Destas reportagens, as mais variadas análises e tentativas de buscar as causas para o comportamento dos jovens foram feitas. Podemos ter, a partir de notícias veiculadas em jornais de grande circulação, uma ideia das representações sociais feitas sobre os bondes juvenis, não só dos veículos de imprensa, como também das agências de controle. Em entrevista concedida ao jornal *Correio do Povo*, publicada no dia 21 de março de 2010, o titular da 1ª Delegacia para o Adolescente Infrator (DPAI), delegado Christian Nedel, traçou as seguintes conclusões em relação ao perfil do adolescente infrator, a partir do levantamento realizado pela DPAI:

[O levantamento] Mostrou que a maioria dos detidos pela prática de crimes patrimoniais pertence à classe média baixa ou baixa. Também apontou que o consumo de drogas entre jovens de todas as classes vem impulsionando o crescimento da violência e da criminalidade.

[...]

A Internet possibilitou a criação das gangues virtuais. Aproveitando-se do anonimato nos sites de relacionamento, os jovens utilizam nomes e fotos falsas. O passo seguinte é a formação de grupos de afinidades na rede, conhecidos como bondes, buscando objetivos comuns, como a prática de violência e o tráfico de drogas. Os bondes podem ser enquadrados dentro do crime de formação de quadrilha.

[...]

Inicialmente, os bondes organizavam-se através da rede para praticar pichações e agressões nas escolas. O perfil ganhou conotações, para arrastões, roubos e veiculação com o tráfico de drogas.

[...]

O perfil dos jovens que integram os bondes é diferente do adolescente infrator. Eles pertencem às classes média e alta, tem escolaridade, acesso aos meios de comunicação e à Internet. A desestruturação familiar e a falta de limites estão relacionadas à participação dos jovens em grupos que praticam violência e crimes. Esses grupos não respeitam regras e pessoas. A falta de educação não é privilégio da classe baixa.<sup>58</sup>

Diante dessas representações sociais, dois jornais da Capital apresentaram algumas formas de diagnóstico e prevenção ao fenômeno, tanto no que se refere ao controle a ser exercido pelos pais e professores, como também às políticas sociais que devem ser postas em prática pelos entes estatais. Como se vê, na reportagem do jornal *Correio do Povo*:

Os "bondes" - ou gangues - são formados em sua maioria por menores de

---

<sup>58</sup> A NECESSIDADE de uma legislação para a Internet. *Correio do Povo*, 21 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=172&Caderno=0&Noticia=114546>> Acesso em: 05 nov. 2010.

idade que se reúnem para formar um grupo transitório, que dura enquanto perdurar a motivação inicial. Os integrantes estabelecem códigos comuns simplificados, como cumprimentos de mão diferenciados, assovios e vestimentas. Além disso, a comunicação é facilitada pelo Twitter, Orkut e Messenger, entre outros.

[...]

Uma forma de identificar se seu filho está integrado a alguma gangue ou "bonde" é observar algumas atitudes em particular, entre elas se ele mudou a forma de vestir, passando a adotar o padrão de grupos de convivência; se está havendo diminuição do rendimento escolar; se houve troca do linguajar habitual de seu meio, passando a usar expressões com conotação e expressão mais violentas e chulas; e se costumeiramente está escondendo seu acesso à Internet.<sup>59</sup>

#### E na matéria do jornal Zero Hora:

Segundo Fernanda Appelt Fiuza, coordenadora de projetos do Instituto Lenon Joel pela Paz, os adolescentes vão para a rua por falta de opções de atividades em suas comunidades. Na rua, acabam se envolvendo em violência para ser aceitos no grupo. A receita que o instituto adota desde 2006 é oferecer oficinas a 250 jovens de comunidades carentes de São Leopoldo. Eles participam de atividades com dança, música, esporte e teatro. A iniciativa reduziu o envolvimento em crimes. – Não basta tirar da rua. Tem de oferecer uma oportunidade para tirar o foco da violência.

[...]

Espaços públicos como praças e parques são fundamentais para os grupos de adolescentes. Juan Mario Fandino Marino, pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da UFRGS, afirma que é preciso ir às comunidades e transformar seus espaços públicos, para que eles deixem de ser combustível da criminalidade e se tornem locais com oferta de opções de lazer e cultura. – Para que uma pessoa se entregue a uma gangue, ela passa por um processo de conversão, como para uma religião. Ela vai acumulando razões para passar ao outro lado. Assim como houve a conversão para lá, temos de fazer a conversão para cá.

[...]

Quem tem condições mais favoráveis a saber o que cada adolescente está fazendo é sua família e sua escola. O tenente-coronel Alfeu Freitas, comandante do 9º Batalhão de Polícia Militar, recomenda aos pais acompanhar com quem o filho se comunica na internet, com quem sai e quem são seus amigos. – A família e a escola precisam conversar com os jovens – defende.<sup>60</sup>

Em princípio, é possível indicar algumas tendências nas representações sociais acerca do fenômeno da violência nos agrupamentos juvenis. As teorias acadêmicas parecem divergir em uma análise da contemporaneidade, principalmente no aparente antagonismo entre o resgate das sociabilidades e o individualismo. Espera-se que um estudo aprofundado, juntamente com a pesquisa etnográfica, supere as diversas dúvidas

---

<sup>59</sup> AÇÃO de “bondes” preocupa autoridades. *Correio do Povo*, 13 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=115&Numero=164&Caderno=0&Noticia=111092>> Acesso em: 05 nov. 2010.

<sup>60</sup> COMO COIBIR a violência dos bondes. *Zero Hora*, Porto Alegre, 03 mar. 2010.

lançadas no início deste projeto.

## Referencial Teórico

- ABRAMOVAY; Miriam, ANDRADE, Carla Coelho de; RUA, Maria das Graças; WASELFISZ, Julio Jacobo. *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- ALVES, Marcelo Mayora. *Entre a Cultura do Controle e o Controle Cultural: Um Estudo sobre Práticas Tóxicas na Cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.
- AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de. Muito além do bem e do mal – a produção do desvio e da reação social como artefatos culturais. In: SÖHNGEN, Clarice Beatriz da Costa; PANDOLFO, Alexandre Costi (orgs.). *Encontros entre Direito e Literatura II: ética, estética e política*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Traduzido por Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CARVALHO, Salo de. Criminologia cultural, complexidade e as fronteiras de pesquisa nas ciências criminais. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, n. 81, p. 294-338, nov./dez. 2009.
- CHALMERS, Alan F. *O que é ciência afinal?* Traduzido por Raul Filker. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Você tem cultura?* *Jornal da Embratel*, 1981. Disponível em: <<http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/14467/material/voce%20tem%20cultura.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2010.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO; Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar A. Barros. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- FERREL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. *Cultural Criminology: An Invitation*. London: SAGE, 2008.
- FERREL, Jeff. Tédio, crime e criminologia: um convite à criminologia cultural. Traduzido por Salo de Carvalho. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, n. 82, p. 339-360, jan./fev. 2010.
- FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Revista FAMECOS – PUCRS*, Porto Alegre, n. 28, p. 18-29, dez. 2005.
- GAUER, Ruth Maria Chittó. *A fundação da norma: para além da racionalidade histórica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Publicação eletrônica.
- \_\_\_\_\_. Interdisciplinaridade e ciências criminais. In: FAYET JÚNIOR, Ney (org.). *Ensaio Penais em homenagem ao professor Alberto Rufino Rodrigues de Sousa*. Porto Alegre: Ricardo Larenz, 2003.
- COMUNIDADE SEGURA. Disponível em: <<http://www.comunidadessegura.org/>> Acesso em: 10 out. 2010.
- CORREIO DO POVO. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br>> Acesso em:

05 nov. 2010.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LINCK, José Antônio Gerzson. *A Criminologia nos Entre-lugares: Diálogos entre Inclusão Violenta, Exclusão e Subversão Contemporânea*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. Traduzido por: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Traduzido por Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. *Tribalismo Pós-Moderno: Da Identidade às Identificações*. Traduzido por José Ivo Follmann. *Revista Ciências Sociais - Unisinos*, São Leopoldo, vol. 43, n. 001, p. 97-102, jan./abr. 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

PANDOLFO, Alexandre Costi. A Retomada da Temporalidade na Leitura Criminológica: aproximando Literatura e Criminologia. In: SÖHNGEN, Clarice Beatriz da Costa; PANDOLFO, Alexandre Costi (orgs.). *Encontros entre Direito e Literatura II: ética, estética e política*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

\_\_\_\_\_; PINTO NETO, Moysés da Fontoura. Criminologia e alteridade: fazendo ecoar a alteridade. *Revista Novatio Iuris – ESADE*, Porto Alegre, n. 3, ano II, jul. 2009, p. 102-118.

ROCHA, Álvaro Filipe Oxley da. Criminologia e Teoria Social: Sistema Penal e Mídia em luta por poder simbólico. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (org.). *Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos II*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Publicação eletrônica.

ROCHA, Eduardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994

ROLIM, Marcos. *A síndrome da Rainha Vermelha: policiamento e segurança pública no Século XXI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Oxford, Inglaterra: University of Oxford, Centre of Brazilian Studies, 2006.

SAAVEDRA, Giovani Agostini. Criminologia do Reconhecimento: linhas fundamentais de um novo paradigma criminológico. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (org.). *Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos II*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Publicação eletrônica.

SILVA, Hélio R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SOUZA, Ricardo Timm de. Três teses sobre a violência: violência e alteridade no contexto contemporâneo - algumas considerações filosóficas. *Civitas – Revista de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - PUCRS*, Porto Alegre, v. 01, n. 02, p. 7-10, dez. 2001.

YOUNG, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: REVAN, 2002.

ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ZALUAR, Alba. Pesquisando no Perigo: Etnografias voluntárias e não acidentais. *Revista Mana: Rio de Janeiro - UFRJ*, n. 15, p. 557-584, 2009.

ZERO HORA. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/>> Acesso em: 12 set. 2010.